

01 OUT 1992

ESTADO DE SÃO PAULO

Economia - Brasil

Joelmir Beting



*"A coerência nem sempre é uma sólida convicção.
Não raro, é falta de imaginação."*

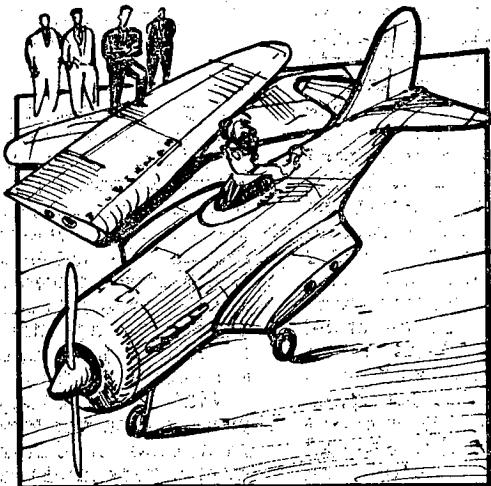
Juliano Bastide, sociólogo

Outubro sem susto

Uma boa notícia: Itamar Franco não vai dar choque na economia agora em outubro. Nem querendo. A Constituição não deixa. E que ele assume a Presidência ainda em regime de interinidade. Não pode tomar decisões de impacto nem lançar planos ou pacotes. Ele vai ter de aguardar o julgamento final do presidente Collor pelo Senado. Collor ainda está presidente. E como o julgamento tem rito fechado, com desenrolar meio arrastado, a economia brasileira ganha trégua de pelo menos quatro ou cinco semanas. Sem intervenção, sem susto e até sem boato. Amém.

□□□ Aos chocadores de plantão, que reabrotam com a seiva toda, aqui vai um recado: os preços que estão subindo mais, em termos reais, são exatamente aqueles ainda controlados pelo governo ou simplesmente orquestrados pelos cartéis e oligopólios. Os preços comboiados pelo mercado livre, sem controles nem acordos, são os que sobem menos. Em setores tangidos pela concorrência aberta e franca, os preços reais estão em declínio.

□□□ Palavra da Fipe. Ela andou patrulhando a evolução dos preços livres e dos preços controlados desde a posse do governo Sarney. Tomando-se março de 1985 como base 100, a Fipe informa que os preços dos cartéis e oligopólios subiram para o índice 103 até julho último. As tarifas públicas, em bloco, saltaram para 114. E os contratos tabelados em lei, tais como aluguéis residenciais e mensalidades es-



colares, ficaram com a taça dos 186 pontos.

□□□ Nos mercados animados pela competição, mercados sem cabresto, os preços reais despencaram para o índice 77. Ou seja: em liberdade, o mercado funciona e desinflaciona. Ou se preferem: o governo inflaciona, o controle inflaciona, o cartel inflaciona, a intervenção inflaciona, o choque inflaciona, o medo do choque inflaciona ainda mais.

□□□ Do governo Itamar Franco, com 30 meses pela proa, espera-se não um sexto choque no setor privado, mas um primeiro choque no setor público. É preciso regovernar o governo — que não governa, não se governa e não se deixa governar.